



COLABORAM

EZEMAR MARQUES DE ANDRADE
OZIR SILVEIRA SOARES
WALTER RORIZ DE CARVALHO
RICARDO MATOS TEXEIRA
JACK FERNANDES DOS SANTOS
DOMÍCIO PROENÇA NUNES
ERNANDO PEREIRA MALMANN
JÓRIO DE OLIVEIRA
MÁRIO JORGE DOS SANTOS
WAGNER FREIRE DE OLIVEIRA
FRANCISCO MAURO DIAS
GERALDO ERNANI ZACCONI
THIAGO RIBAS CARNEIRO
JOSÉ YOSAN DOS SANTOS FONSECA

IN TER NA TO

ORGÃO DO CORPO DISCENTE DO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II

JANEIRO DE 1950

1

INTERNATO

ORÇÃO DO CORPO FISGENTE DO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II
SOB O PATRÔNIO DA DIREÇÃO DO ESTABELECIMENTO

ANO I — JANEIRO DE 1930 — P. 1

I — APRESENTAÇÃO

INTERNATO	5
CAÇÃO DOS JOVENS — Discurso de parvulino do Ministro <i>Clemente Mariani</i>	11

II — COLABORAÇÃO

O CAVALO DE TRÓIA — José Ysacn, Geraldo Zaccari, Mario <i>Jorge e Ernando Malmann</i>	27
MÊNDEL E SUAS LEIS — Thiago Ribas Filho	27
ESTUDO ESQUEMÁTICO DAS MATOSAS — Ozer Silveira Soares CONSIDERAÇÕES SOBRE O "MEMORIAL DE AÍRES" DE MACHADO DE ASSIS — Ezenar Marques de Andrade	65
MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA — "AS MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS" — Thiago Ribas Filho	73
RAIZ GUADRADA — Wagner Oliveira e Silva	81
O GADO VAGUINI NO BRASIL — Ricardo Teixeira	87
RUI E A REPÚBLICA — Jório de Oliveira	91
A FORMAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA — Jack Fer- <i>nandes dos Santos</i>	97
RUI BARBOSA, O ORADOR — Demício Proença Filho	107
WHY DO I LOVE MY COUNTRY? — Waller Roriz de Carvalho	113
O PANTÃO, CAXIAS E A F.E.B. — Jório de Oliveira	119
A TÔRRE DE BABEL — Tradução de Francisco Mauro Dias	125
.....	127
.....	133

III — DOCUMENTÁRIO

A SERVIÇO DO HUMANISMO	139
Joaquim Nabuco	141
DISCURSO DO SENADOR SANTOS NEVES SOBRE O INTERNATO PEDRO II	147

ENDEREÇO — COLÉGIO PEDRO II — INTERNATO
CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO, 177
RIO DE JANEIRO — BRASIL

IV — A VIDA DO INTERNATO

O PRESIDENTE DA REPUBLICA VISITA O PEDRO II 153
 NOVO EDIFICIO DO INTERNATO 175
 O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO INTERNATO 189
 A BIBLIOTECA DO INTERNATO 197
 ENEMES RELIGIOSOS 205
 O CLUBE AGRICOLA 207

V — NOTICIARIO

RELAÇÃO DOS DIRETORES DO INTERNATO 211
 RELAÇÃO NOMINAL DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DO INTER-
 NATO, DESDE A FUNDACÃO 213
 FELAÇÃO NOMINAL DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DO INTER-
 NATO, AGRUPADOS POR MATÉRIAS 225
 SIMBOLISMO — A REVISTA DO EXTERNATO 229
 DR. ORLANDO CALAZA 230
 QUADRO DE HONRA 231
 LEGISLAÇÃO 235
 AVISO ACS PAIS OU RESPONSÁVEIS 243
 SECÇÃO RECREATIVA 245

VI — FESTA DE ENCERRAMENTO

DISTRIBUIÇÃO DE PRÊMIOS 253
 RESULTADO FINAL DOS EXAMES DO CURSO GINASIAL 257
 COLECCIONAL 267

Apresentação



D. PEDRO II
Patrono do Colégio

INTERNATO



TÍTULO desta revista, ao mesmo tempo exato e simbólico, já contém em si uma definição. **Internato** pretende ser uma imagem, uma representação ao vivo, do que é o Internato do Colégio Pedro II, não só nos seus estudos, mas também na sua existência quotidiana.

Esta é uma revista dos estudantes e para os estudantes. Nas suas páginas, eles escreverão trabalhos para testemunhar o nível cultural de uns e para estimular outros a que também o alcancem; nas suas páginas, eles aparecerão em noticiário e material fotográfico para documentar a sua existência dentro do Colégio e cara que lhes fique também, mais tarde, como uma fonte de lembranças e saudades.

Distingue-se ainda **Internato** de tantas outras revistas congêneres por não ser uma publicação de natureza beltrista e extra-escolar. Não se destina a divulgação de versos, contos, crônicas, devaneios de adolescentes. A sua matéria será toda do próprio conteúdo das disciplinas do currículo escolar. Escreverão os alunos sobre assuntos e problemas ligados aos seus programas de estudo tanto no curso colegial como no curso ginasial. Isto não quer dizer, porém, que **Internato** seja uma revista apenas didática ou um repositório primário de provas de aulas. Precisamente, o seu ideal é a boa expressão estilística, tanto quanto é possível à idade e estado cultural dos que nela vão colaborar.

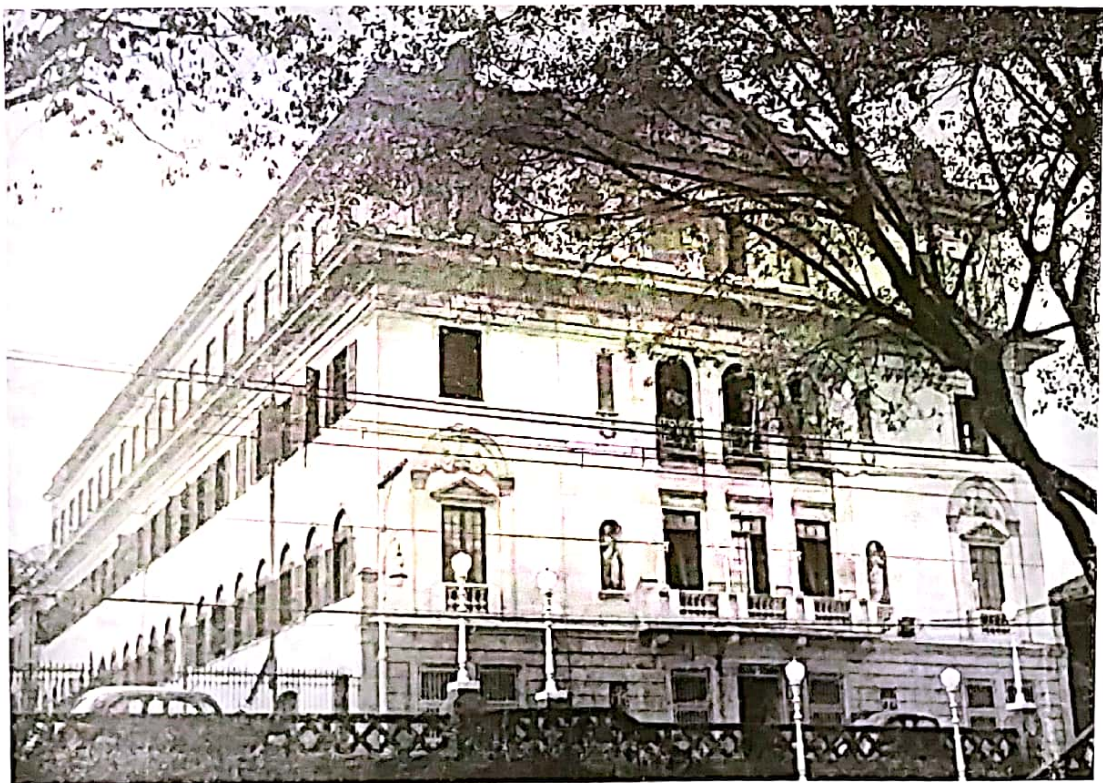
Se uma ligação de cultura e bom gosto conseguir dar nossa revista, estimaríamos que fosse esta: nenhuma obra, seja científica ou de qualquer natureza, se torna grande, valiosa e duradoura sem que seja bem formulada e bem escrita, sem que seja expressa com **estilo**. Um filósofo, um cientista, um homem de estudos objetivos, poderá figurar ou não na história literária, conforme se exprima ou não se exprima com bom gosto e beleza formal. Aí está, como um exemplo eminente entre outros, o caso de Henri Bergson. Ao grande filósofo

foi concedido não o Prêmio Nôbel da Ciência, mas o Prêmio Nôbel da Literatura. Por quê? Porque Bergson exprime a sua ciência filosófica numa forma literária e artística; porque toda matéria exige um estilo para a sua expressão e vida.

Partimos do princípio de que é pelo estilo que um ser se realiza, se fixa e permanece na ordem do tempo. E não só o homem, mas também as vidas sociais e coletivas; é pelos seus estilos que as civilizações subsistem e se eternizam. O estilo será assim um elemento de imortalidade e perpetuidade dos séres; aquêle que mais dá a sensação da continuidade e da projeção no futuro. Toda existência, que não é vulgar, tem um estilo, que é a sua própria maneira de realizar-se; é a marca da sua nobreza e da sua ascensão.

Internato vem colocar-se nessa esfera de idéias e aspirações. Parece, tudo o indica, que não percebemos ainda toda a importância e toda a significação de uma literatura didática na vida cultural de um povo. De qualquer forma, por menos que o reparemos, ela realiza e aprofunda em todos nós uma influência muitas vêzes definitiva. As obras didáticas vivem conosco durante vários anos de uma época, a adolescência, na qual todos os acontecimentos se imprimem com um caráter de durabilidade. Nela, todas as impressões nos parecem surpresas pessoais, e, por isso, estamos sempre prontos a recebê-las e a aceitá-las com ênfase. Penetram assim na inteligência e na sensibilidade; nunca apagaremos as marcas da adolescência, da idade flutuante e receptiva que recolhe os primeiros sentidos da vida real.

Esperamos que **Internato** venha a exercer uma benéfica influência neste sentido; que nas suas páginas surjam vocações de cientistas, de escritores, de homens públicos, que continuem a grande tradição daqueles que passaram pelo Colégio Pedro II e foram depois desempenhar grandes papéis nas letras, nas artes, nas ciências, na política e no governo.



A fachada principal do edifício do "Internato"



Grupo dos professores do Internato



GENERAL DE EXERCITO EURICO GASPARE DUTRA
Presidente da República
e Bacharel 'Honoris Causa' do Colegio Pedro II

ORAÇÃO AOS JOVENS

Discurso de parainfante pronunciado
pelo Sr. Ministro Clemente Mariani,
no dia 23 de dezembro de 1919,
no auditório do Ministério da Edu-
cação, por ocasião da formatura
dos Bacharéis em Ciências e Letras
do Internato do Colégio Pedro II.

Hoje, como ontem, cultivem os meios formados
nesta nobre Casa, o hábito de «mandar sem despo-
tismo e obedecer sem servilismo», como propugnavam o
seu eminente fundador

CLEMENTE MARIANI

ORAÇÃO AOS JOVENS

Meus jovens amigos:



EM sei que o gesto de aprêço, o tributo de confiança, com que me quisestes distinguir, elegendome vosso paranimfo, visam os símbolos e valores que eventualmente encarno, no alto mandato que me foi confiado.

Mas ainda assim, é com suave e humana emoção que recolho a vossa bondosa lembrança, a que se associam comovidas imagens e caras recordações da minha adolescência e de minha atividade universitária.

Diante de vós, compreendo, em tóda sua significação, a confiança do nosso incomparável Ruy, quando declarou aos moços do Colégio Anchieta, que "a honra de com eles se entreter sobreexcedia em grão a todos os momentos de vão orgulho e inútil embriaguez que a tribuna lhe pudesse ter dado".

"E' que, na tribuna, dizia êle, espargia os meus rebates de atalaia, as minhas vozes de guerreador ou os meus vaticínios de profeta, ao passo que hoje, aqui, serei apenas a mão chã do semeador, semeando algumas sementes de bem no torrão virgem do seio que me abris."

Em verdade, quem exerce a vida pública, com encargos de autoridade e de direção e inverte, nesse mister, a experiência adquirida nos livros, no trato dos negócios, no lar e na própria consciência; quem, por dever de officio, dedica ao benefício direto da coletividade o melhor de sua existência, valorizada em pacientes labôres e animada sempre por inspirações elevadas; quem paratilha das ásperas contingências que a função pública impõe aos que nela servem, êste compreenderá, como hoje me é dado en-

tender a prece do maior dos paranhilos brasileiros para que "Deus lhe permitisse ver ainda muitas vezes essas comoventes ceimônias, como alívio d'alma, numa época em que o contentamento é tão raro."

Esta é, sem dúvida, uma festa cordial e alegre, em que belos símbolos e nobres anelos alvoroçam a fantasia e o coração dos que dela participam.

Há esperança e fé no jovem bacharel que hoje conclui o seu curso, nesse venerando educandário, e que promessas e ilusões de novos horizontes embalam e incantivam. Há orgulho feliz e emoção satisfeita na face dos pais, recebendo, nessa hora de recompensa e de ventura, o prêmio das árduas dedicações necessárias para transformar em realidade esse anseio tão alto. Há alegria e confiança nos mestres que modelaram as vocações dos jovens que se graduam; nos parentes, amigos e companheiros, tocados todos pela luz dos augúrios promissores, que abençoam esse lance decisivo da vossa carreira.

Contudo, não falta a esta cena festiva e rumorosa, um toque de gravidade, singular e rara, sempre perceptível onde quer que um moço enfrente o seu destino; gravidade que preside sempre o diálogo da experiência e do tirocínio com o entusiasmo e o idealismo da mocidade.

Essa gravidade, vemos-la no olhar nublado das mães diante do filho que a vida atrai e reclama; na preocupação emocionada dos pais, revendo, na etapa vencida, os esforços dispendidos, e os que ainda se tornarão necessários; vemos-la no próprio jovem, envolta no seu contentamento e no seu justo júbilo, antecipada, porém, na avaliação de quanto lhe exigirão a vida e o destino antes que logre atingir os seus objetivos.

Ainda, porém, sob outros aspectos, essa hora se apresenta, profunda e edificante.

Preliminarmente, não é possível esquecer que é nessa idade, em que vos encontrareis, que a virtude e o vício, o bem e a verdade, o justo e o injusto, a fraqueza e a força, a nobreza e a inferioridade, os bons impulsos e os caprichos deprimentes, as imperfeições do caráter e os valores do espírito disputam, em definitivo, a supremacia no íntimo do homem em formação.

Por outro lado, entretanto, nesse instante, não representa o moço, apenas a si mesmo.

É ele o depositário das gerações a que sucede, o traço de união entre o passado e o amanhã, um bem da comunidade, uma parcela do patrimônio comum, um agente de progresso, de que depende a comunhão inteira.

Por isso mesmo, há no destino de cada um de vós, não só a ansiedade dos afetos familiares, mas também interesses essenciais de toda a comunidade.

A todos esses aspectos que acentuam a importância da formação, a que estamos assistindo, devemos acrescentar o de haverdes completado vosso curso no Colégio Pedro II.

Se, entre nós, existe um estabelecimento de ensino que se possa considerar uma "instituição", no sentido específico do termo, há de ser este educandário modelo.

As instituições de um povo são órgãos dinamizadores da elaboração coletiva, em que se apuram e se irradiam as seivas que exprimem a tempera e o espírito da nacionalidade.

Resultantes, elas próprias, do processo social, através do qual a civilização de um povo cria os seus instrumentos de atuação e de influência, as instituições se constituem, por sua vez, fontes de vitalidade permanente da grei e, ao mesmo tempo, fatores ativos de aperfeiçoamento geral e de adaptação às novas condições sociais.

As gerações passam e as instituições permanecem, e é nessa sobrevivência, que elas refletem a substância e a força íntima do grupo social.

Não é outro o sentido institucional do consagrado Educandário. O antigo Seminário de Órfãos, transformado pela clarividência de Bernardo de Vasconcelos no Colégio Pedro II, constituiu-se um esteio de nossa formação, sob a paternal assistência do nosso magnânimo Imperador.

Foi, desde o começo, como o queria o seu fundador, uma escola progressiva de educação da mocidade, que servisse de tipo às outras que se acham em atividade no país, arraigando na mocidade "o horror ao crime, a aversão à indolência, o cuidado dos seus deveres, e o necessário hábito de mandar sem despotismo e de obedecer sem servilismo."

Criado para tão nobres fins, o Colégio Pedro II, através da sua já secular jornada, representou um papel da maior relevância na evolução da nossa história política, na orientação da nossa

cultura, na formação de nossas elites, no próprio desenvolvimento da nacionalidade.

Constituiu-se uma força de unificação do pensamento brasileiro, centro sempre renovado de irradiação intelectual, para finalmente, erigir-se, hoje, não somente como um marco da civilização pátria, mas também como o educandário democrático, que, sem distinção de qualquer espécie, oferece oportunidades de instrução e de cultura a todos os jovens em condições de recebê-las.

E' em instituições como o Pedro II, que se conservam, se aperfeiçoam, se tornam forças ativas, as tradições, a experiência, o valor dos povos.

Aqui não se cultiva o passado como uma lembrança fenecida, nem o presente pretende ser apenas o atual, desligado do antigo.

Estamos diante de uma dessas construções morais que os povos edificam, no longo e difícil labor da própria energia de progresso que os anima.

A sua história confunde-se a cada passo com a de nossa formação.

Vicissitudes e dificuldades fortaleceram-lhe a tempera; triunfos e alegrias recompensaram os esforços dedicados de quantos o serviram ou o servem.

Entre os últimos, conta como das mais gratas a longa série de serviços excepcionais prestados ao país, em todos os setores da atividade na vida pública, por aquêles que aqui receberam ensinamentos e se prepararam para a vida. Para a vida, ou para a morte gloriosa, como os que tombaram na Itália, em defesa da civilização.

Ainda parecem vivas, entre nós, as sombras dos grandes vultos que ilustraram suas cátedras e bancas escolares. Taulpneus, a mais viva influência na formação de Joaquim Nabuco, e professor de Ruy Barbosa; o próprio Nabuco; Garcindo, que retribuiu, no comando da Paraíba, em Riachuelo, o ter sido o primeiro aluno gratuito do Colégio; Rodrigues Alves; o Marechal Hermes; Fernandes Figueira; Raul Pompeia, que ali ensaiou seus dons criadores, com a "Tragédia no Amazonas". De Paulino de Sousa e Ferreira Viana, do 2.º Antonio Carlos a Taunay, de Alves de Azevedo a Carlos de Laet, não houve geração brasileira que não apontasse num valor humano, num alto espírito, no má-

rito de um estadista, a influência educativa e plasmadora do Pedro II.

Acompanhou o Colégio todo o processo evolutivo da educação brasileira, no ensino médio, incorporando as sugestões reformadoras dos dias novos e contribuindo, com a experiência e a sabedoria dos seus mestres eruditos, para assegurar as conquistas que assinalaram o progresso educativo.

Felizmente pude contribuir, com as medidas que se tornaram necessárias à eficiência do ensino nesta Casa, para que não se proclamasse de novo, como Carlos Maximiliano em 1915, a necessidade de "restaurar o glorioso Colégio Pedro II, que agoniza".

Graças a Deus, nunca estêve tão vivo o educandário, renovado em seus incentivos e prestes a receber os andaimas que lhe ampliarão as instalações e possibilidades didáticas.

* * *

Falando perante mestres e alunos do Pedro II, onde a União tem proporcionado diretamente o ensino secundário, em alto teor, gostaria de assinalar, embora numa afirmação desacompanhada da devida justificação — que, em outra oportunidade, me apressarei a oferecer, que não encontra apoio na realidade o pessimismo com que se tem julgado a situação do ensino médio entre nós.

Certo, são notórias algumas de suas deficiências e conhecidas muitas de suas imperfeições, mas a verdade é que essas falhas decorrem mais de sua extraordinária difusão, ao incentivo dos fatores de progresso social brasileiro, do que de qualquer processo de decadência.

De fato, se o século XIX foi o século do ensino primário, o século XX é dominado pela ascendência do ensino secundário ao plano de sua destinação democrática.

As dificuldades que a escola secundária experimenta, hoje em dia, resultam de um fato que só a valoriza — o de que a sociedade atual tudo espera dela.

Deixou, realmente, o secundário de ser um ensino de *passagem*, preparatório para diploma dos cursos superiores, um título de habilitação para matrícula nêles, um ensino pré-doutoral, sem ligação com a vida em si mesma, e substituído de inteiro no homem como parcela do meio em que atua, para se

constituir um instrumento de valorização da classe média, visando equipar o indivíduo dos recursos necessários à realização de sua personalidade, de suas aptidões, ensino com objetivos próprios, aberto, portanto, aos reclamos, não mais de uma minoria privilegiada, mas da grande massa dos que formam o povo.

Claro que essa transmutação de bases haveria de provocar desajustes; são eles porém sintomas de excesso de vitalidade e não índices de decadência.

Hoje, mais do que nunca, o ensino secundário é uma fonte de interesse coletivo. Ele é a estrada larga por onde o povo caminha com suas esperanças e seus anseios de melhoria social.

Corrigir esses desníveis, suprir esses apelos, alcançar a qualidade e a quantidade, é a obra que se está operando, hoje, através de trabalho que exige tempo, recursos amplos, e constância em sua execução. E nenhum exemplo é mais expressivo dessa verdade, que o vosso Colégio.

* * *

Justo é, também, que mediteis os deveres que vos assistem, ao transportardes os umbrais dessa Casa.

Preliminarmente, cumpre manter lembrado que somos resultantes de uma continuidade histórica, de um esforço coletivo, de uma conjugação de devotamentos.

A comunidade, para melhor realização de seus fins criou este Colégio, que é como toda instituição pública, uma soma de esforços coletivos, uma realização do progresso comum, uma iniciativa que só se tornou possível porque o Brasil atingira a um nível de desenvolvimento histórico e social propício a essa conquista.

E' de ver, portanto, que este Colégio, onde hauristes os conhecimentos que vos serão indispensáveis à expressão da própria personalidade e à concretização de vossos sonhos, representa, como toda criação da atividade coletiva, o fruto de antigas searas, sacrifícios e devotamentos, esforços e anseios de gerações anteriores, para o qual contribuíram todos os que inverteteram na convivência brasileira as suas alegrias e pesares.

Para que fôsse possível colhê-lo, como hoje o fazeis, nossos antepassados acumularam experiências e enfrentaram vicissi-



PROFESSOR DR. CLEMENTE MARIANI
Ministro de Educação e Saúde
e Bacharel "Honoris Causa" do Colégio Pedro II

tudes, outros pais e mães, outros moços, outros mestres e outros políticos e administradores somaram, sem cessar, seus desejos e regaram, com lágrimas e suor, às vezes com sangue, a árvore de nossa formação livre e soberana, nuttindo-a da seiva necessária à frutificação de benefícios como os que distribui este vosso Colégio.

Justo é, pois, que mediteis, por um momento, quanto de Brasil se contém nesse diploma que hoje recebeis.

Quantas lutas e vitórias, quantos perigos superados, quantos sonhos não vividos, quantas epopéias e quantas dedicações anônimas, quantos pais que não puderam viver momentos felizes como este, quantas mães que sofreram para que as de hoje pudessem triunfar!

A cultura de um povo não é um presente de fadas. É uma conquista de todos os minutos, uma cadeia cujos elos se unem por essa sucessão de legados que cada dia mais enriquecem o presente e, por isso mesmo, mais deveres acarretam para os que dèles se beneficiam.

O vosso diploma é uma fólha dessa velha árvore brasileira, que as gerações passadas cultivaram com o seu heroísmo e devotamento e que é hoje patrimônio de cada um e de todos, que não temos o direito de delapidar.

Com essa herança, de que tanto nos orgulhamos, recebemos não só o generoso acervo de prosperidade e de progresso que constitui a nossa pátria, mas, também, o reconhecimento de que a grande força animadora dessa marcha admirável foi, acima de tudo, a idéia de que a civilização deve servir aos nobres fins da personalidade humana e não às fórmulas que a escravizam e a ignorem; foi o pensamento de criar, entre nós, cada vez mais próxima da verdade que os símbolos do regime espelham, uma democracia em que não pereça a permanente consciência de que não nos preocupamos apenas com a aspiração de bens imediatos, pois em cada indivíduo se refletem a alegria e a felicidade de uma coletividade inteira, que trabalhou para êle e espera que êle lhe acrescente a parcela do seu concurso.

Hoje, quando a liberdade e a consciência do homem sofrem a ronda e o assalto de audazes ou solertes ameaças, quaisquer que sejam os seus múltiplos disfarces, é tempo de repetir, a nós mesmos e aos distraídos e displicentes, essa advertência que vem do fundo de nossa própria formação democrática e cristã.

Somos um povo formado de homens livres e essa liberdade não nos caiu do céu por acaso. O seu preço foi pago com a decisão das gerações de lutarem por ela, e sua posse é conquista de indornida viglância.

Por isso mesmo, não é razoável que os moços considerem a defesa desses valores uma tarefa estranha aos seus objetivos pessoais.

Ésses bens, que se confundem com o próprio caráter da nação, esse espírito que é a íntima força da comunidade a que pertencemos não podem ser entendidos como dependentes apenas da ação dos governos.

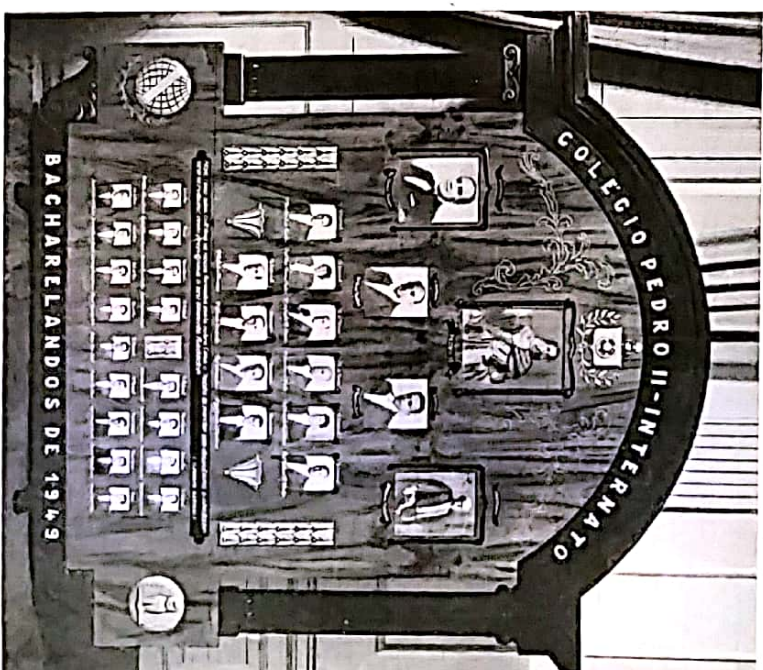
Em carta aos estudantes do seu país, disse o General Eisenhower: "cada vez que, devido ao nosso insucesso, consentimos em que o govêrno resolva ou o forcamos a resolver problemas que deveriam ser de nossa competência exclusiva, abdicamos, juntamente com a nossa responsabilidade, uma parcela equivalente de liberdade individual."

Não vos afasteis dessa condição essencial ao pleno exercício da personalidade. Por mil formas, é possível desempenhar essa responsabilidade, que hoje é talvez mais dos jovens que das gerações mais velhas.

Todo aquêle que é dotado de discernimento para compreender de onde vem e onde deseja ir, por mais jovem que seja, é hoje um homem público, com direitos e deveres para com a coletividade, e, se não lhe cabe ainda participar dos atos e do processo das atividades democráticas, pode concorrer, com a sua vitalidade juvenil, para acender a lareira dessa confiança geral nos ideais em que nos formamos, exercendo nos círculos ao seu alcance, na prática de seus deveres, na cooperação social em que se integra, os hábitos e as virtudes que fundamentam esse ideal.

Já vos recordei o conselho de um dos heróis da juventude de nossos dias, o bravo cabo de guerra que esmagou a fortaleza nazista e que, numa carreira ascensional ininterrupta, hoje dirige a Universidade de Colúmbia, Dwight Eisenhower.

Lembrando a palavra de São Paulo a Timóteo "Não permitas que ninguém despreze a tua mocidade", assim se referiu êle ainda, em carta dirigida aos estudantes norte-americanos: "Essas palavras se aplicam a você, como cidadão. A lealdade aos princípios, a boa disposição para cooperar nas causas de interesse



Quadro de formatura dos Bacharéis em Ciências e Letras de 1949, do Internato do Colégio Pedro II

comum, a aceitação das responsabilidades, eis as características de um cidadão, qualquer que seja sua idade”.

Tudo que fizerdes para vos aproximardes desse centro de calor que é o espírito da grei comum, compreendê-lo e preservá-lo, útil será a vos mesmos, inclusive por sentirdes que a vossa vida não é um episódio isolado, que se consume no egoísmo e no imediatismo.

Poderéis concorrer para êsse objetivo, antecipando a colaboração que haveis de dar como cidadão, não apenas defendendo idéias democráticas ou cumprindo imperativos da organização política, mas sim praticando virtudes que são a própria razão de ser do regime e que, somadas, formam a sua comunhão íntima, contra a negação ou deturpação.

Se cultivarmos em nós mesmos o respeito à pessoa humana, a cada indivíduo que integra a comunidade, se através da educação, desenvolvermos nossa personalidade de modo a permitir-lhe a capacidade de orientar-se e de decidir-se dentro do recíproco respeito aos demais e bem assim escolher a qualidade de vida que devemos querer e desfrutar, se não restringirmos essa qualidade de vida à simples satisfação de exigências e necessidades físicas e à acomodação pessoal, mas dela fizermos “vida criadora” que anime efeitos mais amplos, estaremos vivendo em função de incentivos que terão influência decisiva no mais íntimo tecido de nossa formação.

“Temos que ajudar as crianças a viver vidas dignas de converter-se em caráter”, como propunha Kilpatrick.

Nisso reside a tempera dos povos, o valor das elites e a resistência interior dos indivíduos.

Como já foi lembrado, o século XIX foi o século dos sistemas e das abstrações e o século XX está sendo um século do Homem e dos fatos. “Estamos vivendo, hoje em dia, em carne viva, observou um dos nossos mais robustos pensadores, aquilo que os nossos avós julgaram poder pensar impunemente.”

O essencial é, portanto, transformar os conhecimentos que aprendestes em elementos vivos de expressão de vossas personalidades, pois o problema do homem e seu destino “não é função das agitações no plano temporal da vida, e sim das opções profundas e tantas vezes invisíveis entre o bem e o mal, a verdade e o erro”.

É’ dessa matéria animada de espírito e de vida, captada no “tecido de instintos ávidos, de tendências ativas e de fantasias aladas”, que se hão de nutrir a curiosidade e o interesse que orientam, no bom sentido, a revelação da alma juvenil.

O mundo de hoje, batido pelas contradições polémicas, oferece ao jovem, elementos fartos para que participe, com convivência íntima e segurança plena, dessa tomada de atitudes que a civilização está a exigir em defesa dos bens elementares, sem os quais a existência não pode servir ao homem no que êle tem de mais nobre e humano.

Certo, não há quem não possua sôbre a liberdade, conceitos e noções aprendidos através da difusão geral desses conhecimentos.

Tal como acontece, porém, com o que aprendemos passivamente, sem que participemos ativamente do processo, nosso zelo pela segurança democrática reduz-se, não raro, a reprovações de ordem teórica e atitudes formais de preferência ideológica.

Temos, porém, diante de nós, na paisagem subvertida e dramática de nosso tempo, na visão das crianças e moços errantes nas estradas de uma paz perdida talvez para sempre dentro dêles, nos quadros da realidade de nossos dias, em que se reflete a eloqüência dos credos inimigos da liberdade, todos os dados, todos os elementos necessários a uma revisão de nossas crenças e concepções democráticas, de modo a promover a verdadeira educação do nosso idealismo, principalmente em nossa juventude, para que se alimente de experiência individual e se faça sentir como inspiração sensível da inteligência, como energia criadora e dinâmica, capaz de se exprimir em comportamento e decisão.

Comparando, meditando, procurando compreender por vós mesmos, com honestidade e justiça, realizando, num sadio autodidatismo, a escolha do vosso roteiro e condição de vida, poderis vitalizar o vosso sentimento democrático, os conceitos e princípios já aceitos pela vossa inteligência, nas aquisições formais-ticas e dogmáticas.

O ensino que recebestes muito vos ajudará a adquirir essa *experiência da realidade* que identifica o ser humano com os interesses de sua vida e as atrações sinceras da sua alma.

Cabe-vos, agora, complementar essa instrução, exercitando-vos no hábito de assimilar e descobrir a verdade, com isenção e

objetividade, ajudando os esforços do Brasil para fugir à perspectiva de Ruy Barbosa, quando propunha a reforma de nosso ensino secundário e superior, para que não viéssemos a ser uma "nacionalidade sem vigor, nutrida de palavras e abstrações, incapaz de gerir os seus negócios, explorável a benefício de todas as quimeras, dominada pela imaginação, destituída do sentimento do real, um povo de palradores e ideólogos onde todas as extravagâncias, todos os sonhos, todas as invenções do espírito de utopia encontrarão matéria adaptável às suas especulações e aos seus caprichos."

Essa tarefa está ao vosso alcance, pois o que vale a liberdade e do que é capaz a tirania, o que significa a democracia e o que oferecem os regimes de sangue e de força, que procuram, atraídos das negações de sua infiltração solerte, envolver a juventude na sua trama corruptora, o que serve ao Brasil e o que pode destruí-lo, o que nos possibilita o clima democrático e os direitos que êle nos assegura; e, ao contrário, em que consistem as promessas que se escondem no mistério das sombrias estruturas despóticas, tudo isso está exposto, diante de vossos olhos, na documentação mais acessível e trágica que uma época já expôs ao homem.

Não é mais possível falar de liberdade e de opressão, de democracia e de ditadura como esquemas de estudos acadêmicos.

Temos que considerar êsses temas como alternativas que já se enfrentam, em luta decisiva, dentro da própria vida de cada um, como forças vivas que interpretam interesses e valores essenciais ao destino da cultura e da comunhão a que pertencemos.

A obra que o lar e a escola realizam juntos, criando cidadãos para uma sociedade democrática livre, terá alcançado seu objetivo se lograr fazer, de cada um de vós, uma consciência em ação, capaz de negar e afirmar, dotada da faculdade de crítica, afeita a descobrir, por si mesma, as fraudes e mistificações em que se escondem os egoísmos e os erros, homens que, trazendo no coração e na inteligência, a imagem do Brasil, não façam dêsse amor um voto sem direção e sem conteúdo, mas um motivo de viver, um propósito de cooperação, um compromisso que não valha, apenas, para o orgulho das horas cívicas e as dedicações que se consomem na inércia e no ceticismo.

Para defender êsses bens, que usufruímos por herança, é preciso aprender o que valem, na sua verdade íntima, penetran-

do-lhes a intimidade, de modo a poder repetir com o maior dos seus patronos entre nós, aquêle cujo centenário de nascimento acabamos de comemorar:

"Liberdade! entre tantos que te trazem na bôca sem te sentirem no coração, eu posso dar o testemunho de tua identidade, definir a expressão do teu nome, vangloriar a pureza do teu evangelho, porque, no fundo de minha consciência, eu te vejo, incessantemente, como uma estrela no fundo obscuro do espaço!"

No momento em que recebeis a láurea do vosso esforço, lembrai-vos, meus jovens amigos, que o Brasil há de ser o que fizermos dêle.

Zelai por êle, protegei-o, com vossa fé e vosso amor, para que possamos conservar a confiança nos seus destinos quando já dobrarmos a última curva de nossa jornada sobre a terra.



NOTA — A direcção de "Internato" tomou a liberdade de dar o título de "Oratório dos jovens" no excepcional discurso que se reproduzido sem consentimento do seu autor na convicção de que o mesmo não se apresentaria tão bem para sintetizar e anunciar a bela e oportuna peça oratória do Sr. Ministro Clemente Mariani.

Colaboração

O CAVALO DE TRÓIA *

JOSÉ YOSAN	— Tradução e vocabulário.
GERALDO ZACCONI	— Adjetivos. Pronomes. Advérbios, preposições e conjunções.
MÁRIO JORGE	— Sintaxe dos casos.
ERNANDE MALMANN	— Substantivos e verbos.



ONTICUERE omnes intentique ora tenebant.
Inde toro pater Aeneas sic orsus ab alto:
"Infandum, regina, iubes renovare dolorem,
Troianas ut opes et lamentabile regnum
eruerint Danaï, quaeque ipse miserina vidi
et quorum pars magna fui. Quis talia fando
Myrnidonum Dodopumve aut duri miles Ulixi
temperet a lacrimis? Et iam nox umida caelo
praecipitat suadentque cadentia sidera somnos.
Sed si tantus amor casus cognoscere nostros
et breviter Troiae supremum audire laborem,
quamquam animus memnisse horret luctuque refugit,
incipiam.

Os gregos constroem o cavalo

Fracti bello fatisque repulsi
ductores Danaum tot iam labentibus annis
instar montis equum divina Palladis arte
aedificant, sectaque intexunt abiete costas;
volum pro reditu simulant; ea fama vagatur.
Huc delecta virum sortiti corpora furtim
includunt caeco lateri pentusque cavernas
ingentis uterunque armato milite complent.

(*) O presente trabalho foi elaborado em aula de seminário por um grupo de alunos da 1.ª série do curso clássico, durante o segundo semestre de 1959, sob a orientação do professor catedrático da matéria, Dr. Vandick Londres da Nóbrega.

A ilha de Tênedos

Est in conspectu Tenedos, notissima fama
 insula, dives opum Priami dum regna manebant,
 nunc tantum sinus et statio male fida carinis;
 huc se provecti deserto in litore condunt.
 Nos abhisse rati et vento petiisse Mycenae.
 Ergo omnis longo solvit se Teuceria luctu;
 panduntur portae, iuvat ire et Dorica castra
 desertosque videre locos litusque relictum:
 hic Dolopum manus, hic saevus tendebat Achilles;
 classibus hic locus, hic acies certare solebant.

Os troianos admiram o cavalo

Pars supet innuptiae donum exiliale Minervae
 et molem mirantur equi: primusque Thymoetes
 duci intra muros hortatur et arce locari,
 sive dolo seu iam Troiae sic fata ferebant.
 At Cayys, et quorum melior sententia menti,
 aut pelago Danaum insidias suspectaque dona
 praecipitare iubent subiectisque urere flammis,
 aut terebrare cavas uteri et templare latebras.
 Scinditur incertum studia in contraria vulgus.

Laoconte adverte os troianos

Primus ibi ante omnes magna comitante caetera
 Laocoon ardens summa decurrit ab arce,
 et procul: "O miseri, quae tanta insania, cives?
 creditis avectos hostes? aut ulla putatis
 dona carere dolis Danaum? sic notus Ulixes?
 Aut hoc inclusi ligno occultantur Achivi,
 aut haec in nostros fabricata est machina muros,
 inspectura domos venturaque desuper urbi,
 aut aliquis laet error; equo ne credite, Teucri.
 Quidquid id est, timeo Danaos et dona ferentes."
 Sic fatus validis ingentem viribus hastam
 in latus inque feri curvam compagibus alvum
 contorsit. Stetit illa tremens, uteroque recesso
 insonuere cavae gemitumque dedere cavernae.
 Et, si fata deum, si mens non laeva fuisset,
 impulerat ferro Argolicae foedare latebras,
 Troiaque nunc staret, Priamique arx alta maneres.

Câpis é conduzido à presença do Rei

Ecce, manus juvenem interea post terga revinctum
 pastores magno ad regem clamore trahabant
 Dardanidae, qui se ignotum venientibus ultro,
 hoc ipsum ut strueret Troianque aperiret Achivi,
 obtulerat, fidens animi atque in utrumque paratus,
 seu versare dolos seu certae occumbere morti.
 Undique visendi studio Troiana inventus
 circumfusa ruit certantque inludere capto.
 Accipe nunc Danaum insidias et crimine ab uno
 disce omnes.

Namque ut conspectu in medio turbatus, inermis,
 constitit atque oculis Phrygia agmina circumspexit:
 "Heu, quae me tellus" inquit, "quae me aequora possunt
 accipere? aut quid iam misero mihi denique restat,
 cui neque apud Danaos usquam locus, et super ipsi
 Dardanidae infensi poenas cum sanguine poscunt?"
 Quo gemitu conversi animi compressus et omnis
 impetus. Hortantur fari quo sanguine cretus,
 quidve ferat; memoret quae sit fiducia capto.

TRADUÇÃO

Calaram-se todos e permaneceram em silêncio, enquanto do alto do leito o pai Enéias assim falou: "tu mandas, ó rainha, rememorar aquela dor indescritível e narrar como os gregos destruíram a opulência troiana e o lamentável reino, miseráveis estas que eu próprio presenciarei e de que também compartilhei.

Quem, narrando tais coisas dos Mirnídeos, dos Dólopos, ou que soldado do cruel Ulisses poderia conter as lágrimas? Agora a noite ainda domina o firmamento e as estrelas cadentes convidam ao sono, mas se fazes tanto empenho em conhecer o nosso infortúnio e em ouvir a suprema agonia de Tróia, começarei, embora ânimo me falte para rememorar aqueles horrores e sínta repulsa de recordar o luto daqueles dias.

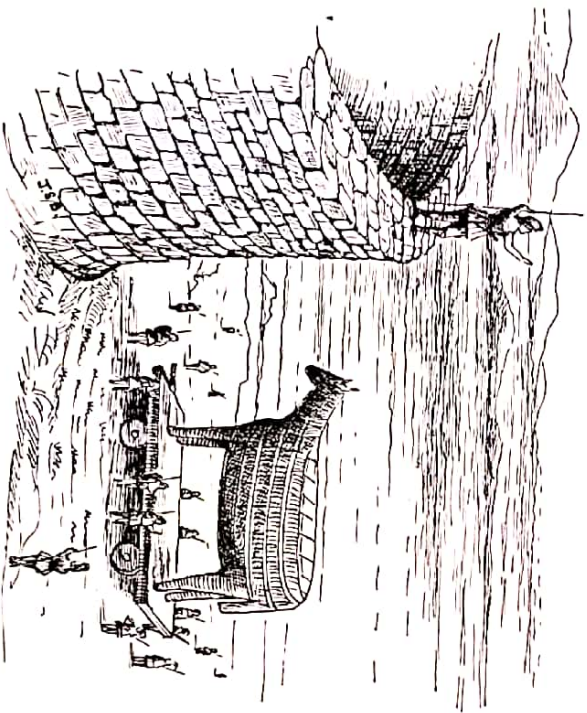
Os gregos constroem o cavalo.

Alquebrados pela guerra e repellidos pelo destino, os chefes gregos, decorridos muitos anos, constroem, com a divina arte de Minerva, um cavalo em forma de montanha, armando-lhe as costelas com abetos cortados e em seguida simulam a retirada. Este voto se espalha.

Enão escolhem por meio de sorteio fortes guerreiros e furtivamente os introduzem no flanco escuro, de modo que conseguem encher as profundas cavernas e o bojo do cavalo com soldados armados.

A ilha de Tenedos

Está à vista Tenedos, ilha de grande fama, rica e poderosa durante o reinado de Priamo, porém agora reduzida a um grande golfo e porto de pouca segurança para as embarcações. Daí saíram e se escondem no litoral deserto. Nós julgamos que eles tinham partido para Miconas, com a ajuda do vento. Diante disto toda a Troia abandona o longo luto; abrem-se as portas; correm a ver os lugares de-



sertos, os acampamentos dóricos e as praças abandonadas. Aqui ficam as esquadras dos Dólopos, ali acampa o cruel Aquiles; acolá era o lugar das embarcações, mais adiante os exercícios costumavam combater.

Os troianos admiram o cavalo.

Uma parte admira o presente fúnebre da casta Minerva e contempla a massa colossal do cavalo; Timetes é o primeiro que aconselha levá-la para dentro das muralhas e colocá-la na cidadela. Mas Cápis

e os que melhor pensavam aconselham a jogar ao mar o presente suspeito e as perfídias dos gregos a queimar o ventre com tochas lançadas por baixo, ou perfurar as cavidades uterinas e sondar os escondijos. Divide-se a multidão em opiniões contrárias.

Laoconte adverte os troianos.

Laoconte, inflamado à frente de grande comitiva, corre do alto da fortaleza e exclama: "O' miseráveis cidadãos, por quê tanta loucura? Acreditais que os inimigos se retiraram? Ou julgais que nenhum presente dos gregos está isento de dolo? Assim demonstrais conhecer Ulisses? Ou os gregos foram introduzidos e estão escondidos nesta madeira ou esta máquina foi fabricada contra os nossos muros para inspecionar as nossas casas e observar por cima a nossa cidade, ou algum dano está oculto.

De qualquer maneira eu temo os gregos, até quando dão presentes.

Tendo assim falado, atirou uma grande lança com toda a força, contra o flanco do animal, justamente nas ilíngas. A lança prou vibrando e, atingido o útero, as cavidades ressoaram, tendo sido ouvido um gemido vindo das cavernas. Se os deuses não tivessem sido contrários, se a nossa mente não tivesse sido tão cega, teria induzido a sondar com o ferro os escondijos gregos e agora, ó Troia, permanecerias como imponente cidadela de Priamo.

Cápis é conduzido à presença do rei.

Eis que os pastores troianos levaram até à presença do rei, com grande algazarra, um jovem com as mãos amarradas para trás, o qual se apresentara espontaneamente, para que levasse a efeito a própria maquinação e abrisse Troia aos gregos. Era um jovem de excepcional coragem e estava preparado para qualquer eventualidade, ou fazer vingar o plano ardido, ou sucumbir numa morte certa. À juventude troiana, com o desejo de ver, espalhou-se ao redor e algumas zombavam do prisioneiro. Observa agora as cidadas dos gregos e por um crime aprende todos os outros.

Perturbado e desarmado, no meio de tôdas as atenções voltadas para êle, parou e lançou um olhar circunspetivo sobre os esquadres frígios: "Ah, disse êle, que terras e que mares me podem receber? Ou que resta a mim miserável, a mim que não encontro guarida entre os gregos e agora os próprios troianos ofendidos pedem o meu sangue?" Com estas súplicas conseguiu modificar as opiniões e abrandar a irri-tação. Nós o exortamos a falar, que dissesse qual era a sua raça e que missão nos trazia; que informasse qual a confiança que nos podia oferecer agora que se encontrava preso.

MORFOLOGIA

SUBSTANTIVOS DA 1.ª DECLINAÇÃO

Carinis	Eneida	II—23	de carina, ac.
Catena	"	II—40	de catena, ac.
Cavea	"	II—53	de cava, ac.
Cavernae	"	II—53	de caverna, ac.
Cavernas	"	II—19	de caverna, ac.
Costas	"	II—16	de costa, ac.
Dardanidae	"	II—59	de Dardaniae, arum.
"	"	II—72	"
Fama	"	II—17	de fama, ac.
"	"	II—21	"
Fiducia	"	II—75	de fiducia, ac.
Flammis	"	II—37	de flamma, ac.
Haslam	"	II—50	de hasta, ac.
Insania	"	II—42	de insania, ac.
Insidias	"	II—36	de insidiae, arum.
"	"	II—65	"
Insula	"	II—22	de insula, ac.
Innuptiae	"	II—31	de innupta, ac.
Lactris	"	II—8	de lactina, ac.
Laebras	"	II—8	de laebrae, arum.
"	"	II—55	"
Minervae	"	II—31	de Minerva, ac.
Mycenas	"	II—25	de Mycenae, arum.
Poenas	"	II—72	de poena, ac.
Portae	"	II—27	de porta, ac.
Regina	"	II—3	de regina, ac.
Sententia	"	II—35	de sententia, ac.
Teucria	"	II—26	de Teucria, ac.
Troia	"	II—56	de Troia, ac.
Troiae	"	II—11	de "
"	"	II—34	de "
Troiam	"	II—60	de "
Thymoetes	"	II—32	de Thymoetes, ac.

SUBSTANTIVOS DA 2.ª DECLINAÇÃO

Achivis	Eneida	II—60	de Achivi, orum.
Alvum	"	II—51	de alvus, i.
Animi	"	II—61	de animus, i.
"	"	II—73	de "
Alimius	"	II—12	"
Annis	"	II—14	de annus, i.
Bello	"	II—13	de bellum, i.
Caelo	"	II—88	de caelum, i.
Capto	"	II—75	de captus, i.
Castra	"	II—27	de castra, orum.
Dolis	"	II—44	de dolus, i.
Dolo	"	II—34	de "
Dolos	"	II—62	de "
Danaos	"	II—49	de Danaus, i.
"	"	II—71	de "

Danaum	Eneida	II—36	de Danaus, i.
"	"	II—44	de "
Deum	"	II—54	de Deus, i.
Domos	"	II—47	de domus, i.
Dona	"	II—36	de donum, i.
"	"	II—44	de "
"	"	II—49	de "
Donum	"	II—31	de equus, i.
Egul	"	II—32	de "
Equo	"	II—48	de equus, i.
Equum	"	II—15	de equus, i.
Fala	"	II—34	de fatum, i.
Fata	"	II—54	de fatum, i.
Fatis	"	II—13	de "
Ferl	"	II—51	de ferrus, i.
Ferro	"	II—55	de ferrum, i.
Ligno	"	II—45	de lignum, i.
Locos	"	II—28	de locus, i.
Locus	"	II—30	de "
"	"	II—71	de "
Muros	"	II—33	de murus, i.
"	"	II—46	de "
Oculus	"	II—68	de oculus, i.
Pelago	"	II—36	de pelagus, i.
Priam	"	II—22	de Priamus, i.
"	"	II—56	de "
Regna	"	II—22	de regnum, i.
Regnum	"	II—4	de "
Sonnos	"	II—9	de somnus, i.
Studio	"	II—63	de studium, i.
Tenedos	"	II—21	de Tenedus, i.
Terga	"	II—57	de tergum, i.
Toro	"	II—2	de torus, i.
Uteri	"	II—38	de uterus, i.
Utero	"	II—52	de "
Uterum	"	II—20	de "
Vento	"	II—25	de ventus, i.
Vulnus	"	II—39	de vulnus, i.

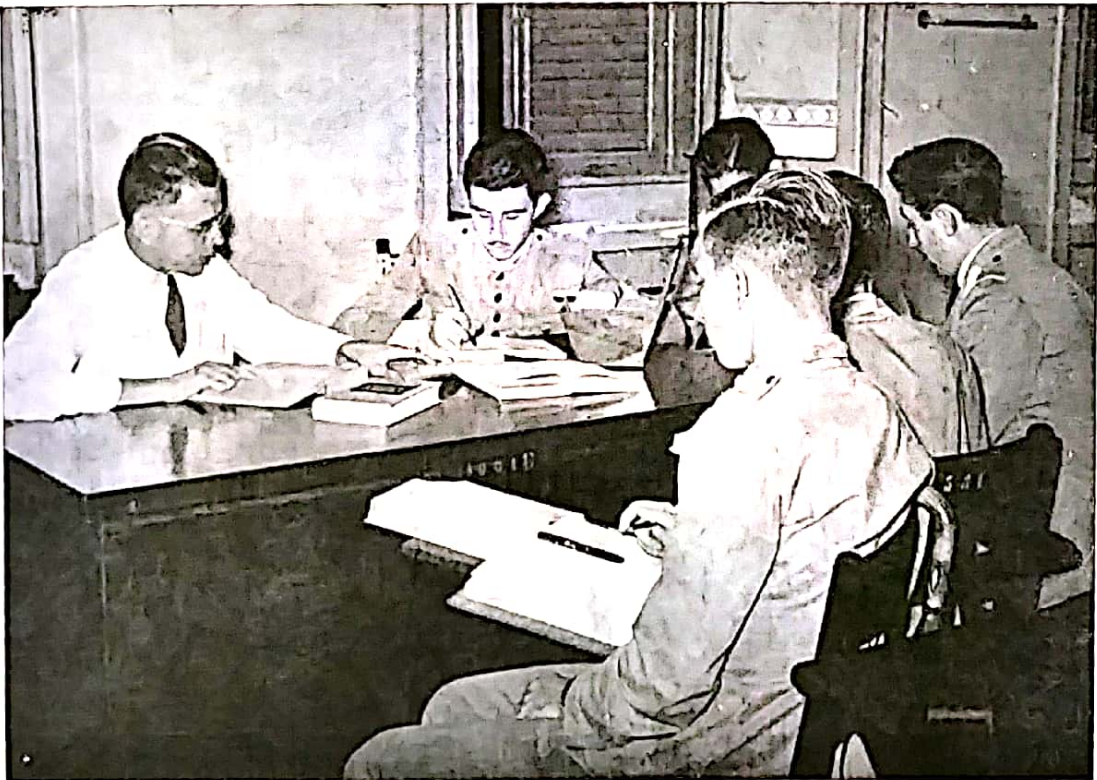
SUBSTANTIVOS DA 3.ª DECLINAÇÃO

Ablete	Eneida	II—16	de abies, etis.
Achilles	"	II—29	de Achilles, is.
Achivis	"	II—60	de Achivi, orum.
Aequora	"	II—69	de Aequor, is.
Agrinna	"	II—68	de agnem, agninis.
Amor	"	II—10	de amor, is.
Arce	"	II—33	de ars, arcs.
Arce	"	II—41	de "
Arte	"	II—15	de ars, arts.
Arx	"	II—56	de ars, arcs.
Cadys	"	II—35	de Capys, yis.
Cives	"	II—42	de civis, is.
Clamore	"	II—58	de clamor, is.
Classibus	"	II—30	de classis, is.
Compagibus	"	II—51	de compages, is.

Corpora	Eneida	II—18	de corpus, oris.
Crimine	"	II—65	de crimen, inis.
Dolopum	"	II—7	de dolopes, um
"	"	II—29	de "
Dolorem	"	II—3	de dolor, is.
Ductores	"	II—14	de ductor, is.
Error	"	II—48	de error, is.
Hostes	"	II—43	de hostis, is.
Iuvenem	"	II—57	de iuvenis, is.
Iuventus	"	II—63	de iuventus, utis.
Laborem	"	II—11	de labor, is.
Lateri	"	II—19	de latus, lateris.
Latus	"	II—51	de latus, eris.
Litore	"	II—24	de litus, oris.
Litus	"	II—28	de "
Mens	"	II—54	de mens, mentis.
Menti	"	II—35	de "
Miles	"	II—7	de milles, ilis.
Milite	"	II—20	de "
Molem	"	II—32	de moles, is.
Montis	"	II—15	de mons, montis.
Morti	"	II—62	de mors, tis.
Myrindones	"	II—7	de Myrindones, um.
Nox	"	II—8	de nox, noctis.
Opes	"	II—4	de ops opis.
Opum	"	II—22	de ops, opis.
Ora	"	II—1	de os, oris.
Paladis	"	II—15	de Pallas, adis.
Pater	"	II—15	de pater, patris.
Pars	"	II—2	de pars, partis.
Pastores	"	II—31	de pastor, is.
Regem	"	II—58	de rex, regis.
Sanguine	"	II—72	de sanguis, inis.
Tellus	"	II—69	de tellus, uris.
Ulixi	"	II—7	de Ulixes, is.
Ulixes	"	II—44	de "
Urbi	"	II—44	de urbs, urbis.
Virum	"	II—47	de vir, viri.
Viribus	"	II—18	de vis, vim, vi.
"	"	II—50	

SUBSTANTIVOS DA 4.ª DECLINAÇÃO

Casus	Eneida	II—10	de casus, us.
Conspectu	"	II—21	de conspectus, us.
"	"	II—67	de "
Gentium	"	II—53	de gentius, us.
Gentiu	"	II—73	de "
Sinus	"	II—23	de sinus, us.
Luctu	"	II—12	de luctus, us.
"	"	II—26	de "
Manus	"	II—29	de manus, us.
Reditu	"	II—17	de reditus, us.
Impetus	"	II—74	de impetus, us.
Vulgus	"	II—39	de vulgus, us.



Os alunos da 1.ª série do curso clássico, numa aula de seminário, sob a orientação do professor Vandiek, elaboram o trabalho sobre o livro II da Eneida

SUBSTANTIVOS DA 5.ª DECLINAÇÃO

Acles Eneida II—30 de acles, cl.

SUBSTANTIVOS INDECLINÁVEIS

Instar Eneida II—15 de

VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

Aedificant Eneida II—16 de aedifico, as, avi, alium, are.
 Certant " II—64 de certo " " "
 Certare " II—30 de " " " "
 Consultit " II—68 de consto, " stili " "
 Dedere " II—53 de do das, dedi, datum, dare.
 Foedare " II—55 de foedo, as, avi, atum, are.
 Frabricata " II—46 de fabrico, " " "
 Insonuere " II—53 de insono, as, ui, itum, are
 Invat " II—27 de inuo, as, iuvi, iulum, are
 Locari " II—33 de loco, as, avi, alium, are
 Memoret " II—75 de memoro, " " "
 Oculantur " II—45 de occullo, " " "
 Praecipitat " II—9 de praecipito, " " "
 Praecipitare " II—37 de " " "
 Putais " II—43 de puto, " " "
 Renovare " II—3 de renovo, " " "
 Restat " II—70 de resto, " " "
 Simulant " II—17 de simulo, " hli " "
 Staret " II—56 de sto, " avi " "
 Stetit " II—52 de " " " "
 Tentare " II—38 de tento, " avi " "
 Terebrare " II—38 de terebro, " " "
 Vercare " II—62 de verso, " " "

VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

Carere Eneida II—44 de careo, es, ui, illum, ere.
 Complent " II—20 de compleo es, evi, etum, ere.
 Contorsit " II—52 de contorqueo, " si, lum, ere.
 Horret " II—12 de horreo, " ui, ere.
 Inbes " II—3 de inbeo, " iussu, iussum, berce.
 Inbent " II—37 de " " "
 Latet " II—48 de lateo, " ui, ere.
 Manebant " II—22 de maneo, " mansi, mansum, ere
 Maneres " II—56 de " " "
 Stupet " II—31 de stupeo, " ui, ere.
 Suadent " II—9 de suadeo, " si, sum, ere.
 Tinteo " II—49 de timeo, " ui, ere,
 Vidi " II—5 de video, " visum, videre.

VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

Accipe Eneida II—65 de accipio, is, cepi, ceplum, ere.
 Accipere " II—70 de " " "
 Circumpexit " II—68 de circumspicio, " pexi, pectum, ere.
 Cognoscere " II—10 de cognosco, " ovi, cognitum, ere.

Conduunt Eneida II—24 de condo, is, didi, ditum, ere.
 Conticuere " II—1 de conticesco, " ui, — ciscere
 Creditre " II—48 de credo, " didi, ditum, ere.
 Creditis " " " "
 Decurrit " II—42 de " " "
 Discit " II—41 de decurro, " curri, cursum, ere.
 Ducl " II—66 de duco, " didici, ere.
 Erucit " II—32 de duco, " xl, ctum, ere.
 Frango " II—5 de eruo, " ui, utum, "
 Illudere " II—13 de frango, " egi, actum "
 Illudere " II—64 de illudo, " si, sum "
 Incipiunt " II—13 de incipio, " cepi, ceplum, ere
 Includunt " II—19 de includo, " si, sum, ere.
 Includunt " " " "
 Includunt " II—45 de " " "
 Includunt " II—47 de inspicio, " exlectum, "
 Impulerunt " II—58 de impello, " puli, pulsam, "
 Intexunt " II—16 de intexo, " ui, xtum, "
 Occumbere " II—62 de occumbo, " itum, "
 Panduntur " II—27 de pando, " pardi, sum, "
 Petisse " II—25 de peto, " il itum, "
 Poscunt " II—72 de posco, " poposci, poposere
 Refugit " II—12 de refugio, " ugi, itum, ere.
 Relictum " II—28 de relinquo, " hqui, licum, ere.
 Relictum " II—13 de repello, " puli, pulsam, "
 Repulsi " II—57 de revinco, " cl, ctum, "
 Revinctum " II—64 de tuo, " ui, utum, "
 Ruunt " II—39 de scindo, " scidi, scissum, "
 Sclitur " II—26 de solvo, " i, utum, "
 Strueret " II—60 de struo, " xl, uctum, "
 Tenebant " II—1 de teneo, " ui, tentum, "
 Tenebant " II—29 de tendo, " tendendi, tensum ere.
 Trahebant " II—58 de traho, es, axi, actum, ere.
 Utere " II—37 de uro, is, ussi, sum, urere.
 Visendi " II—63 de viso, " visi, visum, ere.

VERBOS DA 4.ª CONJUGAÇÃO

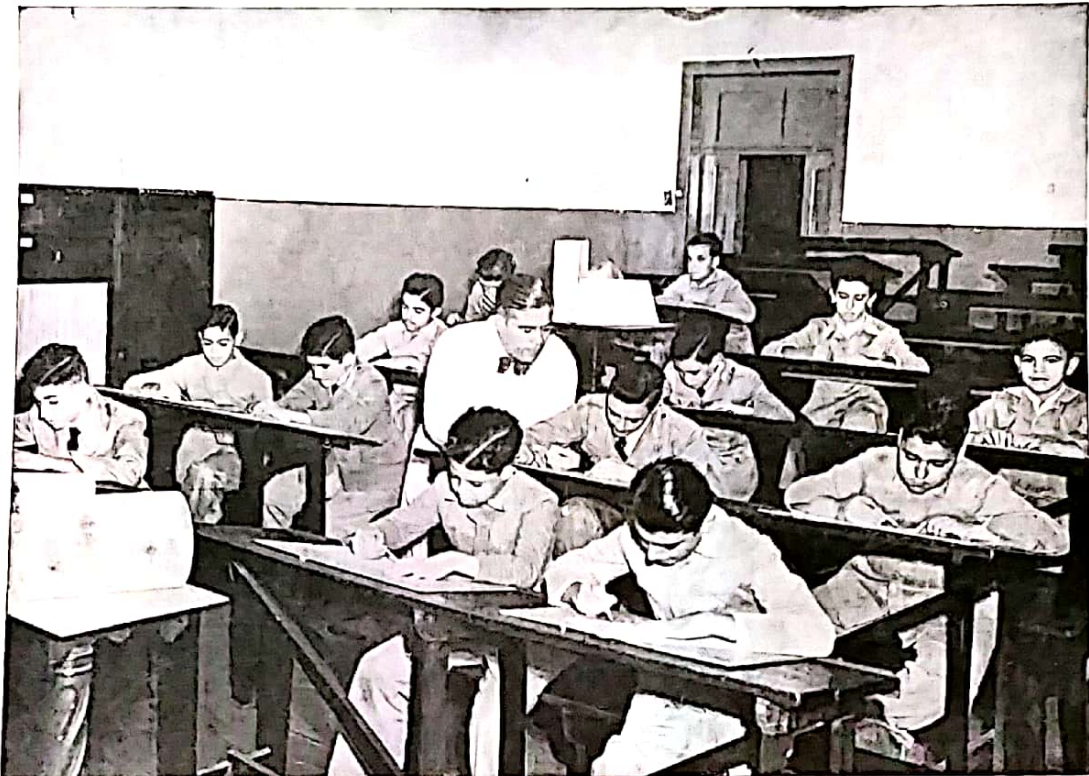
Aperiret Eneida II—60 de aperio, is, ui, ertum, ire.
 Audire " II—11 de audio, " iui, "
 Vententibus " II—59 de venio is, ui, itum, ire.

VERBO SUM

Est Eneida II—21 de sum, es, fui, esse.
 " " II—49 de " " "
 Ful " II—6 de " " "
 Fulisset " II—54 de " " "
 Sit " II—75 de " " "

VERBOS DEPOENTES DA 1.ª CONJUGAÇÃO

Fando Eneida II—6 de for, faris, factus sum, fari.
 Fari Eneida II—74 de for, faris, factus sum, fari.
 Falus " II—50 de " " "
 Hortantur " II—74 de hortor, aris, atus sum, iri
 Hortatur " II—33 de hortor, aris, atus sum, ari.
 Mirantur " II—32 de miror, " " "
 Vagatur " II—17 de vagor, " " "



O professor Jurandir Paes Leme numa aula de Desenho

VERBOS DEPOENTES DA 3.ª CONJUGAÇÃO

Orsus — Eneida II — 2 de ordior, iris, orsus sum, ihi
 Rati — Eneida II — 25 de reor, is, rātus, sum, rehi

VERBOS DEPOENTES DA 4.ª CONJUGAÇÃO

Sortiti — Eneida II — 18 de sortior, iris, itus sum, ihi.

VERBOS DEFECTIVOS

Inquit — II — 69 de inquam, is, ite.
 Memihisse — II — 12 de memini, isti, isse.

VERBOS ESPECIAIS

Ablisse — Eneida II — 25 de abeo, is, abii, tum, ire.
 Ferat — II — 75 de fero, fers, tuli, latus ferre.
 Ferebant — II — 34 de " " " " "
 Ferentes — II — 49 de " " " " "
 Ire — II — 27 de eo, is, ivi, itum, ire.
 Oblulerat — II — 61 de offero, is, obtuli, ere.
 Possuic — II — 69 de possum, potes, potui, potere.

VERBOS SEMIDEPONENTES

Solebant — Eneida II — 30 de soleo, es, solitus sum, etc.

ADJETIVOS E PRONOMES

Adjetivos de 1.ª classe

Alta — En. II-2 de altus, a, um
 Alta — En. II-56 de altus, a, um
 Argolicus — En. II-55 de Argolicus, a, um
 Armato — En. II-20 de armatus, a, um
 Caeco — En. II-19 de caecus, a, um
 Cavas — En. II-38 de cavis, a, um
 Certae — En. II-62 de certus, a, um
 Compressus — En. II-73 de compressus, a, um
 Conversi — En. II-73 de conversus, a, um
 Curvam — En. II-51 de curvus, a, um
 Divina — En. II-15 de divinus, a, um
 Duri — En. II-7 de durus, a, um
 Ignoram — En. II-59 de ignotus, a, um
 Incertum — En. II-39 de incertus, a, um
 Infandum — En. II-3 de infandus, a, um
 Intenti — En. II-1 de intentus, a, um
 Laeva — En. II-54 de laevus, a, um
 Longo — En. II-26 de longus, a, um
 Magna — En. II-6 de magnus, a, um
 Magno — En. II-58 de magnus
 Malefida — En. II-23 de maleficus, a, um
 Medius — En. II-67 de medius, a, um
 Miseri — En. II-42 de miser, era, erum
 Nostros — En. II-10 de noster, tra, trum
 Nostros — En. II-46 de noster, tra, trum
 Phrygia — En. II-68 de Phrygius, a, um
 Recusso — En. II-52 de recusus, a, um
 Saevus — En. II-29 de saevus, a, um
 Secta — En. II-16 de sectus, a, um
 Subiectis — En. II-37 de subiectus, a, um
 Summa — En. II-41 de summus, a, um
 Supremum — En. II-11 de supremus, a, um
 Suspecta — En. II-36 de suspectus, a, um
 Tanta — En. II-42 de tantus, a, um

- Ea fama — En. II-17
 Fata — En. II-64
 Fidens — En. II-61
 Fracti repulsi — En. II-13
 Haec — En. II-46
 Id — En. II-49
 Illa tremens — En. II-52
 Ihermis — En. II-67
 Inspectura ventura — En. II-47
 Intenti — En. II-1
 Ipse — En. II-5
 Laccoon ardens psimnus — En. II-40
 Laeva — En. II-54
 Locus — En. II-30
 Locus — En. II-71
 Machina — En. II-46
 Malefida — En. II-23

GENITIVO POSSESSIVO

- Animal — En. II-73
 Danaum — En. II-14
 Danaum — En. II-36
 Danaum — En. II-44
 Danaum — En. II-65
 Dardanidae — En. II-59
 Dardanidae — En. II-72
 Deum — En. II-54
 Dolopum — En. II-29
 Duri Uixi — En. II-7
 Equi — En. II-32

ACUSATIVO COMO SIMPLES OBJETO DIRETO

- Argolicas latebras — En. II-55
 Casus nostros — En. II-10
 Cavas — En. II-38
 Cavernas ingentes — En. II-19
 Costas — En. II-16
 Delecta corpora — En. II-18
 Desertos locos et litus relictum — En. II-28
 Dolos — En. II-62
 Domos — En. II-47
 Danaos et dona — En. II-49
 Donum — Exultale — En. II-31
 Equum — En. II-15
 Fata — En. II-34
 Gentium — En. II-53
 Hoc ipsum — En. II-60
 Infandum dolorem — En. II-3
 Ingenlem hastam — En. II-50
 Insidias — En. II-65
 Insidias suspecta dona — En. II-36
 Lamentabile regnum — En. II-4
 Latebras — En. II-38

ACUSATIVO PEDIDO POR PREPOSIÇÃO

Ante omnes — En. II-40

ACUSATIVO COMO SUJ. DO INFINITO

Hostes — En. II-43

ACUSATIVO DE ESPECIFICAÇÃO

Manus iuvenem revinctum — En. II-57

ACUSATIVO COMO CIRCUNSTANCIA DE LUGAR

In iatus inque curvam alvum — En. II-51

Mycenas — En. II-25

Regem — En. II-58

DATIVO COM VERBOS ESPECIAIS

Equo — En. II-48

DATIVO COM VERBOS INTRASITIVOS

Achivis — En. II-60

Mihl misero — En. II-70

DATIVO COM ADJETIVOS

Carinis — En. II-23

Ventibus — En. II-59

DATIVO COM VERBOS COMPOSTOS DE OB. IN. ETC.

Capto — En. II-64

Certae morti — En. II-62

DATIVO DE POSSE

Capto — En. II-75

Classibus — En. II-30

Cui — En. II-71

Menti — En. II-35

ABLATIVO DE SEPARAÇÃO

Dolis — En. II-44

Lacrimis — En. II-8

Longo iactu — En. II-28

Lactu — En. II-12

ABLATIVOS DE ORIGEM, DE CAUSA E DE AGENTE

- 1) Uno crimine — En. II-65
- 2) Pro reditu — En. II-17
- 3) Bello fatisque — En. II-13

ABLATIVO DE MODO

Cum sanguine — En. II-72
Magno clamore — En. II-58

ABLATIVO DE MEIO

Armato milite — En. II-20
Compagibus — En. II-51
Divina arte — En. II-15
Dolo — En. II-34
Ferro — En. II-55
Oculis — En. II-68
Quo gemitu — En. II-73
Quo sanguine — En. II-74
Subiectis flammis — En. II-37
Validis viribus — En. II-50
Vento — En. II-25

ABLATIVO ABSOLUTO

Labentibus annis — En. II-14
Magna comitante calerva — En. II-40
Utero recusso — En. II-52

ABLATIVO DE LUGAR ONDE

Arce — En. II-33
Caeco lateri — En. II-19
Caelo — En. II-8
Conspicitu — En. II-21
Conspicitu in médio — En. II-67
Deserto illiore — En. II-24
Hoc ligno — En. II-45
Pelago — En. II-36

ABLATIVO DE LUGAR DONDE E DE MATÉRIA

- 1) Summa arce — En. II-41
- 2) Toro alto — En. II-2
- 3) Secta abiete — En. II-16

VOCATIVO

Cives — En. II-42
Miseri — En. II-42
Regina — En. II-3
Teucri — En. II-48

VOCABULÁRIO ETIMOLÓGICO

<i>ā, ab</i> — prep. de ablat.: de, por <i>a</i> — En. II, 8 <i>ab</i> — En. II, 2; II, 41; II, 65	<i>abivus, i</i> — s. f. — ventre <i>circum album</i> — o ventre curvo. En. II, 51
<i>abiēs</i> , — <i>eris</i> . — s. f. — abeto, espécie de pinheiro <i>secta abiete</i> — com abeto cortado. En. II, 16	<i>annus, i</i> — s. m. ano <i>tot iam tabentibus annis</i> — decorridos tantos anos. En. II, 14
<i>ac</i> — <i>i, aceo, acidus; acerbus; acies;</i> <i>acus; ācer</i>	<i>ante</i> — prep. de acusat. — antes, ante, diante de, perante <i>ante omnes</i> — à frente de todos. En. II, 40
<i>ACIES</i> , — <i>EL</i> . — s. f. exército, fleira <i>acies certare solebant</i> — os exércitos costumavam combater. En. II, 30	<i>amo</i> , — <i>ās</i> , — <i>āvī</i> , — <i>ātum</i> , — <i>āre</i> . — <i>v.</i> — amar <i>AMOR, IS</i> — s. m. — amor <i>si tantus amor</i> — se existo tanto desajo... En. II, 40
<i>ad</i> — prep. de acusat. — a, para, junto a <i>trudabant ad regem</i> — conduziam até à presença do rei. En. II, 58	<i>animus, i</i> — s. m. — coragem, espírito, gênio <i>fidens animi</i> — de ânimo levantado (corajoso). En. II, 61 <i>conversī animi</i> — os ânimos foram abrandados. En. II, 73 <i>quannquam animus mentissee</i> — embora o meu espírito se horrorize de lembrar. En. II, 12
<i>aequus</i> , — <i>a</i> , — <i>um</i> — adj. — igual, justo, favorável, plano <i>AEQUOR, ORIS</i> — s. n. — planície, mar. É usado com a significação de mar desde Lucrécio <i>quae me aequora possunt accipere?</i> — que marés me podem receber? En. II, 69	<i>aperiō</i> , — <i>is, uī, apertum, aperire</i> . — <i>v.</i> — abrir, descobrir <i>Troianique aperiret Achilē</i> — e abrisse Troia aos gregos. En. II, 60
<i>agō</i> , — <i>is, ēgi, āctum, agere</i> — <i>v.</i> — fazer, empreender, transportar, conduzir <i>AGMEN, AGMINIS</i> — s. n. — batalhão, exército, esquadra <i>circumspexit Phrygia agmina</i> — inspeccionou os esquadros frígios. En. II, 68	<i>apud</i> — prep. de acusat. — perto, de, junto a <i>apud Danos</i> — junto aos gregos, entre os gregos. En. II, 71
<i>alio</i> , — <i>is</i> , — <i>uī, altum (alium)</i> , — <i>ere</i> — <i>v.</i> — alimentar, criar <i>ALTIUS, A, TUM</i> — adj. — alto, profundo <i>toro ab alto</i> — do alto do alto. En. II, 2 <i>arc alta</i> — a suprema cidadela. En. II, 56	<i>audiō</i> , — <i>is</i> , — <i>ivī</i> , — <i>itum</i> , — <i>ire</i> — <i>v.</i> — ouvir, escutar <i>supremum audire laborem</i> — ouvir a maior desgraça (de Troia). En. II, 11
	* <i>arc</i> — <i>arx, arcis</i> — s. f. — a parte mais elevada da cidade onde se encontra localizada a cidadela, a fortaleza

hortular et arce locari — acou-
selha que seja collocado na
cidadela. En. II, 33
summa decurrat ab arce — cor-
re do alto da cidadela. En.
II, 41
Præmiquæ aræ alta maneres —
e permaneceras como alta
cidadela de Pramo

ãreõ, — *ês*, — *ui*, — *êre*, — *v*. —
arder, estar sêco
ARDENS, ENTIS — *adj*. exal-
tado, inflamado, ardente
Laocœon ardens — Lao-
conte exaltado. En. II, 41

arma, — *orum* — *s. n.* — *armas*
ARMATUS, A, UM — *adj*. ar-
mado
armato milite — com soli-
dados armados. En.
II, 20
INERMIS, — *E* — *adj*. — *sem*
arma, desarmado
luribus lacrimis — pertur-
bado e desarmado. En.
II, 67

ars, artis — *s. f.* — *arte*
divina Palladis arte — com a
divina arte de Pallas (Mi-
nerva). En. II, 13

at — *conj. mas, contra*
at Cupys — mas Cãpis. En.
II, 35

atque — *conj. e*
atque in atrinque parvulus —
e preparado para qualquer
eventualidade. En. II, 61
atque... circumspexit — e exa-
minou. En. II, 68

aut — *conj. ou*
En. II, 7; II, 36; II, 38, II, 43;
II, 44; II, 45; II, 46; II, 48;
II, 70

bellum, — *i*, — *s. n.* — *guerra*
fracti bello — aquecarrados pela
guerra. En. II, 13

brevis, — *e* — *adj. breve, curto, pe-
queno*
BREVIOR — *adv.* brevemente,
resumidamente

et breviter audire — e ou-
vir brevemente. En.
II, 11

cadõ, — *is, cecidi, cãsum, cadere* —
v. cair, afundar
cadentia sidera — estrelas
cadenentes. En. II, 9
CASTUS, US — *s. m.* — *inforti-
nio, desgraças*
castus nostros — as nossas
desgraças. En. II, 10

caecus, — *a*, — *um*, — *adj. cego, in-
visível, escuro*
includent carcere lateri — in-
cluem no flanco escuro.
En. II, 19

caelum, — *i* — *s. n.* — *cãu*
noct uncta caelo præcipitata —
a noite unctida precipitã-se
do cãu. En. II, 8

calõ, — *ãs*, — *ãre*, — *v. proclamar,
convocar*
CLAMOR, — *ORIS* — *s. m.* cla-
mor, gritaria, algazarra
magno clamore — com
grande algazarra. En.
II, 38

capio, — *is, cãpi, captum, capere*. —
v. tomar, apanhar, agarrar
CAPTUS, — *i* — *s. m.* prisio-
neiro, cativo
certantque includere captio
— e portiam em zom-
bar do prisioneiro. En.
II, 64
quæ sit fiducia captio —
qual é a esperança de
salvação do prisioneiro.
En. II, 75
ACCIPIO, — *IS*, — *CEPI*, —
CEPTUM, — *EHE* — *v.* —
receber, aceitar
*accipe nunc Danamum insti-
dita* — recebe agora as
ciliadas dos gregos. En.
II, 65
*quæ me æquore possint
accipere?* — que mu-
res me podem rece-
ber? En. II, 70
INCIPIO, — *IS*, — *CEPI*, —
CEPTUM, — *EHE* — *v.* —
começar

incipiam — *começarei*. En.
II, 13

caput, capitis, — *s. n.* — *cabeça*
FRACIPITO, — *AS*, — *AVI*,
— *ATUM*, — *ARE* — *v.* —
precipitar, lançar
caelo præcipitai — preci-
pitã-se do cãu. En.
II, 9
*pelago Danamum instiditas
præcipitare iubent* —
ordenam lançar no
mar as ciliadas dos
gregos. En. II, 36

careõ, — *ês*, — *ui*, — *êre*, — *v. não
ter, carecer de, ter falta de*
*palatis dona corere dotis Dan-
nam?* — julgais que os
presentes dos gregos estão
isentos de dolo? En. II, 44

carina, — *ae* — *s. f.* *quilha do navio*,
navio
statio male fida carinis — por-
to pouco seguro para as
embarcações. En. II, 23

cavus, — *a*, — *um* — *adj. côncavo*
*cavus ateri et templare la-
tebras* — e sondar os
profundos esconderi-
jos do bojo (do cava-
lo). En. II, 38
cavæ caverine — as côn-
cavas (= profundas)
cavernas. En. II, 53
CAVERNÆ, — *AE* — *s. f.* *ca-
verna*
cavernas ingentes complent
— enchem as enormes
cavernas. En. II, 19

CAVERNÆ, — *AE* — *s. f.* *ca-
verna*

cãlõ, — *ãs*, — *ãvi, átum, ãre*, — *v.*
esconder
OCCULTO, — *AS*, — *AVI*, —
ATUM, — *ARE* — *v.* *ocul-
tar*
aut hoc ligno occultantur
Achivi — ou os gre-
gos estão escondidos
nesto cavalo. En. II, 45

cernõ, — *is, crãvi, crãtum, cernere*
— *v. ver, julgar, decretar*
quo sanguine cernas — de
que raça õe é. En.
II, 74

CERTO, — *AS*, — *AVI*, —
ATUM, — *ARE* — *v.* *com-
bater, portiar*
hic actes certare solebant
— aqui os exércitos
costumavam combater.
En. II, 30
certantque includere captio
— e portiam em zom-
bar do prisioneiro. En.
II, 64
CERTUS, — *A*, — *UM* — *adj.*
certo, fixo
*seu certæ occumbere mor-
ti* — ou succumbir nu-
ma morte certa. En.
II, 62
INCERTUS, — *A*, — *UM* —
adj. incerto, indeciso
incertum vulgus — o povo
indeciso. En. II, 30
CRIMEN, CRIMINIS — *s. n.* —
crime
*et crinitæ ab uno disce
omnes* — e por um
crime aprende todos.
En. II, 65

civis, — *is* — *s. m.* *cidadão*
o miseræ cives — o miseros ci-
dadãos. En. II, 42

classis, is — *s. f.* — *frota armada*,
navio
classibus hic locus — aqui era
o lugar das embarcações.
En. II, 30

clav — *;* *clãvis, clãvus, clãudo*
INCLIDO, — *IS*, — *SI*, —
SEM, — *ERE* — *v.* *fechar*,
incluir
includunt caeco lateri —
incluem no flanco es-
curo. En. II, 19
includi ligno occultantur
Achivi — os gregos
ocultã-se fechados no
cavalo. En. II, 45

comes, — *iis* — *s. m. f.* — *compa-
nheiro, a*
COMITO, — *AS*, — *AVI*, —
ATUM, — *ARE* — *v.* *lã-
bãr (depoente)*. *acompa-
nhar*

magna comitante caetera — acompanhado de uma grande multidão. En. II, 40

contra — prep. de acusat. — **contra** **CONTRARIUS**. — A. — **UM** — adv. contrario
studia in contraria — em opiniões contrarias. En. II, 39

corpus, — **oris** — s. n. **corpo**
detecla corpora — corpos es- cobhidos. En. II, 18

credō, — **is**, — **didī**, — **ditum**, — **ere**. — v. **accreditat**, **confiat**, **erit**
creditis auctos hostes — julgais que os inimigos se retiraram? En. II, 43
equo ne credite — não confieis no cavallo. En. II, 48

cubo, — **ās**, — **ui** (— **āvī**), — **itum**, — **āre**, — v. **deitar**, **recostar-se**
OCCUBO, — **is**, — **UI**, — **ITUM**, — **EHE** — v. **mor- ter**, **sucumbir**
seu certae occumbere mor- ti — ou sucumbir com morte certa. En. II, 62

curro, — **is**, **cucurri** (**securri**), **cur- sum**, — **ere**, — v. **correr**

DECURRO, — **is**, — **CURSUS**, — **EHE** — v. **correr** de
summa decurrit ab ure — correu do alto da cidadella. En. II, 41

curvus, **a**, — **um** — **adj.** **curvo**
curvam abum — o ventre curvo. En. II, 51

de — prep. de ablat. — **sobre**, **de**, **a** **respeito** de
DENIQUE — adv. finalmente
mhi denique resid — finalmente que me resta? En. II, 70

deus, — **i** — s. m. — **Deus**
si fida deum — se os deuses dos deuses. En. II, 51
DIVINUS, — **a**, — **UM** — **adj.**
divina Palladis arte — com a divina arte de Palas (Minerva). En. II, 15

discō, — **is**, **didici**, **discere** — v. **aprender**
ab uno discere omnes — por um aprende todos. En. II, 66

dives, — **itis** — **adj.** **rico**, **a**
dives opum — rica de recursos (= opulenta). En. II, 22
dō, **dās**, **dedi**, **datum**, **dare** — v. **dar**, **oferecer**, **entregar**
gentiliunque dedere coner- nar — e as cavernas deram um gemido. En. II, 53

CONDO, — **is**, — **didī**, — **ditum**, — **ere** — v. **fundar**, **ocultar**
deserto in litore condant — des se escondem na praia abandonada. En. II, 24

DOMUS, **i** — s. n. — presente, **domus**
impiae domum exiitiae Mithrae — o presente nefasto da casa Mithraica. En. II, 31
suspecta dona — os presentes suspeitos. En. II, 36
aut illa putatis dona ce- rare *dolis Danaium* — ou julgais que os presentes dos gregos chegaram de dolo? En. II, 44
limo Danios et dona ferentis — leno os gregos, mesmo dando presentes. En. II, 19

domus, **i** e **domus**, — **us** — s. f. — **casa**
inspicere domos — para inspecionar as mossas casais. En. II, 47

doleō, — **ēs**, — **ui**, — **itum**, — **ere**. — v. **softer**, **attingir-se**
DOLOR, — **ORIS** — s. m. — **dor**
infandum iubes renouare dolorem — ordenas renovar a dor indescrivivel. En. II, 3

dolus, — **i** — s. m. — **dolo**
sthe dato — ou por dolo. En. II, 34
aut illa putatis dona carere dolis Danaium? — ou julgais que os presentes dos gregos carecem de dolo? En. II, 44
seu versare dolos — ou fazer virgar a fraude. En. II, 62

dum — **conj.** **enquanto**
Priami dum regna manebunt — enquanto permaneciam os reinos de Priamo. En. II, 22

dūrus, — **a**, — **um** — **adj.** — **duro**, **cruel**
duri Ulxi — do cruel Ulisses. En. II, 7

dux, **ducis** — s. m. **duco**, — **is**, **duxī**, **ductum**, — **ere**, — **v.**
duci intra muros hortatur — aconselha que seja conduzido para dentro de mossos muros. En. II, 33
DUCTOR, — **ORIS** — s. m. **che- fe**, **guia**
ductores Danaum — os chefes dos gregos. En. II, 13

ecce — **eis**, **eis** que
Ecce... pastores... Dardanidae — Eis que os pastores troianos. En. II, 57

ego — pron. **peçoal** — **eu**
que me aequora possunt accipere — que mares me podem receber? En. II, 69
quid mhi restat? — que me resta? En. II, 70
eū, **is**, **ī** (**ivī**), **itum**, **ire** — **v.** — **ir**
abdul ire — convém ir... En. II, 27

ABEO, — **is**, — **ivi**, — **itum**, — **IRE** — v. **sair**, **partir**
Nos abisse rati — Nós julgamos que eles tinham partido... En. II, 23

REDITUS, — **us** — s. m. — **retirada**
Volui pro reditu... — (si- mulam) um voo pela retirada. En. II, 17

equus, **equi** — s. m. — **o cavallo**
fastar montis equum — Um cavallo em forma de monte... En. II, 15
El molam mirantur equi — E admiram a massa do cavallo... En. II, 32
Equo ne credite, Teucri — Não acrediteis no cavallo, ó Troianos... En. II, 48

errō, — **ās**, — **āvī**, — **ātum**, — **āre**. — v. **andar**, **errar**, **vagar**
ERROR, — **ORIS**, — s. m. **erro**, **divida**
Aut aliquis laetel error — Ou se há algum erro occulto... En. II, 48

et — **conj.** — **e**
El quoniam pars magna fui... — Dos quais fui parte integrante. En. II, 6
El breuiter Troiae supremam quadre laborum... — E em breve ouvir a suprema agonia de Troia... En. II, 11
At Capys, et quorum... — Mas Capys, e aqueles... En. II, 35

faber, — **bri** — s. m. **official** ou **ar- tifice**
FABRICO, — **as**, — **AVI**, — **ATUM**, — **ARE**, — **v.** **fa- bricar**, **construir**
Fabrivada est machina... — esta maquina foi fabricada... En. II, 46
faciō, — **is**, — **fecī**, **factum**, **facere**. — v. **fazer**, **executar**, **cumprir**
AEDIFICIO, — **as**, — **AVI**, — **ATUM**, — **ARE**, — **AVI**, — **car**, **erigir**. v.

Aedificant instar montis equum... — Consteem um cavalo em forma de monte... En. II, 16

fendō, — is, fendi, fensum, fendere.

— V. — excitar a cólera

INFESTUS, — A. — UMI — adj. Inimigo, muito irado

Dardandae infensi poetas... — Os Gregos irritados pedem castigos. En. II, 72

ferō, fers, tetuli deoipos tuli, faturum, ferre. — V. — Trazer ou levar, sofrer, tolerar, produzir

Sic fata ferbant... — Assim queriam os destinos de Tróia... En. II, 34

Tinco Dianos et dona ferentes... — Temo os Gregos, mesmo dando presentes. En. II, 49

Quidae ferret... — Que nos irás. En. II, 73

OFFENO, — FENS, OPTULI, OBLATUM, OFFERRE. — oferecer, apresentar

Troiam aperiet Achaia, obliheret... — Ele se oferecerá para que abra-se Tróia aos Gregos. En. II, 60

ferrum, — i — s.n. — o ferro, instrumento de ferro

Impulerat foedare ferro... — Teria sido impedido a sonhar com o ferro... En. II, 53

ferus, — a, — um, — adj. — bravo, bárbaro, selvagem, cruel, feroz

Inque feri curvam alvum... — E contra o ventre curvo do cavalo (ferra). En. II, 51

fidō, — dis, — fuis sum, fidere. — V. fiar-se, confiar-se

FIDENS, FIDENTIS, — ouso do, esperançoso, confiado, animoso, adj. part. *Fidens anit...* — de ânimo levantado. En. II, 61

FIDUCIA, — AE. — s. f. — a confiança, a segurança

Quae sit fiducia capto — que confiança tem o prisioneiro. En. II, 75

***for, fāris, fatas sum, fari, — falar, dizer, narrar**

Quis talia fando... — Quem narrando tais coisas. En. II, 6

Sic fatas... — Assim tendo falado... En. II, 50

Horlanur fari — Exortamos que falasse... En. II, 74

FAMA, — AE. — s. f. — fama, boato, alarame falso

Ea fama pugatur... — Este boato se espalha... En. II, 17

Notissima fama insula... — Ilha de grande fama. En. II, 21

FATUM, — I. — s. n. — destino, oráculo, sina, fado

Fatisque repant... — E repudiados pelo destino. En. II, 13

Sic fata Troiae ferbant... — assim prediziam os destinos de Tróia. En. II, 34

Si fata Deum... — Se o destino dos deuses... En. II, 54

INFUNDUS, — A, — UMI, — adj. — cruel, horrível

Libes renouare dolorem Infundam... — Tu mandas relembrar a dor cruel... En. II, 3

flamma, ae — s. f. chama, flama, fogo, tocha

Subiectisque urere flammis... — Queimar introduzindo tochas por baixo. En. II, 37

frangō, — is, frēgi, frāctum, frangere. — V. quebrar, rasgar, partir, alquebrar

Fracti bello... — alquebrados pela guerra. En. II, 13

fugiō, — is, fugi, — itum, — ere. — V. fugir, partir

MEFFICIO, — IS, — UGI, — UGITUM, — UGERE. — V. refugiar-se, retirar-se, fugir, desertar

Requirit animum membrisse horret... — emborra o ânimo me fuja no lembrar... En. II, 12

ibi, — adv. aqui

Laocoön prius ibi ante omnes... — Logo que primeiro aqui entre os demais... En. II, 40

fundō, — is, fudi, fustum, fundere. — V. fundir, espalhar, verter, lançar, relaxar, soltar

CIRCUMFUSUS, — A, — UMI, — adj. p. p. — espalhado, rodeado

Circumfusa ruit... — correu no redor. En. II, 63

fūr, furis. — s. m. ladrão, zangão

FURTIVUS, — adv. secretamente, furtivamente

Furtim includant caeco lateri... — Furtivamente introduzem no flanco escuro... En. II, 18

gemō, — is, — uī, — itum, — ere. — V. gemer, chorar, lastimar-se, deplorar

GEMITUS, — US, — s. m. — gemido, pranto, lamento, soluço, choro

Gemitumque cedere caeruleae... — E as cavernas deparam um gemido... En. II, 53

Quo gemiti conversi antimiti... — Com este queixume os ânimos foram abrandados. En. II, 73

hasta, — ae, — s. f. — lança, dardo

Contorsit tingentem hastam... — lançou a grande lança. En. II, 50

iam, — adv. já, agora, logo

Et iam nox unida... e agora a noite unida... En. II, 8

inquam, inquit. — V. falar, dizer (defectivo)

Quae nunc tellus, inquit... — que terra agora, disse ele... En. II, 69

ingens, — tis, — adj. — muito grande, imenso

Ingentem hastam — uma imensa lança. En. II, 50

diziam os destinos de Tróia. En. II, 34

Laocoön prius ibi ante omnes... — Logo que primeiro aqui entre os demais... En. II, 40

ille, — a, — ud. — pron. aquele, aquele, aquilo

Stetit illa tremens... e (a lança) ficou presa a tremer... En. II, 52

in, — prepos. de acusativo em, no, dentro

Scinditur in contraria stadia — divide-se a multidão em opiniões contrárias. En. II, 39

Fabricata est in nostros muros — foi feita contra as nossas muralhas... En. II, 46

In talis inque aeternum... — no flanco e no ventre... En. II, 51

Alyce in utrumque paratus... — e preparado para qualquer eventualidade (parado para o que desse e viesse). En. II, 61

in, — prepos. de ablativo

Tenebras est in conspectu... — Tenebras está à vista... En. II, 21

In illoze condant... — ocultam-se no hilo... En. II, 24

INTEREA — adv. entretanto

Ecce tulerat pastores Dardanidae — entretanto os pastores Dardânidos. En. II, 5

ingens, — tis, — adj. — muito grande, imenso

Ingentem hastam — uma imensa lança. En. II, 50

inquam, inquit. — V. falar, dizer (defectivo)

Quae nunc tellus, inquit... — que terra agora, disse ele... En. II, 69